

O DIFÍCIL CAMINHO

POUCOS MENINOS CONQUISTAM NOVO DESTINO. SEQÜELAS SÃO INEVITÁVEIS.

TEXTO: AVELINA CASTRO E JAQUELINE ALMEIDA
FOTOS: SHIRLEY PERAFORTE

O final de 2006 foi difícil para Raíssa Gorbachev. Nascida Raimundo, em novembro daquele ano foi internada com toxoplasmose e crise epiléptica, trazidas pela contaminação por HIV. Foi em três meses em coma, incluindo o réveillon e o aniversário de 30 anos, em janeiro. Quando acordou, teve o que considera uma mensagem divina. "Decidi que ia dedicar a minha vida para ajudar as pessoas. Não queria que ninguém passasse pelo que eu passei".

A decisão pessoal é hoje um dos trabalhos que mais faz diferença na vida de adolescentes e jovens homossexuais do Pará. Raíssa não se envolve com esquemas de tráfico - "sobre isso não posso falar nada" -, mas conhece de perto a agonia dos meninos que, sem referência, caem em qualquer rede, qualquer convite, qualquer promessa que pareça melhor que a realidade. Presidente da Associação de Travestis e Transsexuais do Estado do Pará (Astrap), Raíssa é incansável na distribuição de preservativos e se tornou uma voz acolhedora num universo onde ninguém parece se importar com o que o outro sente.

Além disso, tem se esforçado para discutir a questão nos principais fóruns de direitos humanos do Estado.

A habilidade em alcançar quem está nas esquinas "nasceu" de uma história que começou em 1990 quando Raíssa, aos 14 anos, deixou Belém em boléias de caminhão. "Meu sonho era cantar no show de calouros do Silvio Santos". Nos primeiros minutos na cidade grande, viu que não seria fácil. "Mal desci do caminhão, fui parada pela polícia e apanhei sem motivo". Raíssa não chegou aos palcos de tevê, mas em pouco tempo estava nas esquinas, sendo explorada. Os seios e glúteos vieram em seguida - assim como o HIV, transmitido por agulhas usadas na injeção de silicone industrial.

Em São Paulo, viveu as piores experiências. Sem dinheiro, assu-



■ Das ruas de Belém meninos travestis sonham com uma vida melhor em países da Europa. A ilusão alimenta o crime.



o concurso TIM LOPES DE INVESTIGAÇÃO JORNALÍSTICA

me que roubou clientes. "Eu fazia chantagem. Pegava a chave do carro e dizia que ia fazer escândalo". Numa das vezes, em um caixa eletrônico foi abordada pela polícia e presa. Sem advogados e documentos, em 1993 foi condenada e cumpriu pena por estelionato no Pavilhão 5 do Carandiru. "Quando cheguei, fui 'vendida' por dois maços de cigarro a um traficante". Mesmo sendo adolescente, só

saiu do lado de bandidos perigosos 1 ano e seis meses depois, durante um mutirão do Judiciário paulista. "Um promotor viu que eu não tinha documentos e se virou pra me ajudar". De volta a Belém, os programas sexuais ficaram no passado. O presente e o futuro têm uma causa melhor. "Nada que Deus faz é por acaso".

* Nomes fictícios para preservar a identidade dos meninos e suas famílias

ADOLESCENTES ATRAVESSAM OCEANO SEDUZIDOS POR FALSAS ESPERANÇAS

São Paulo e Rio de Janeiro estão nos cadernos de memórias, mas são cidades como Milão, Madri e Amsterdã que mais povoam os sonhos dos meninos travestis traficados entre Belém e o sudeste do País. É para chegar à Europa que, ainda no Brasil, se submetem a humilhações, "tratamentos siliconizantes" e uma vida de privação. "Quando fui pra São Paulo, eu queria ser bonito, famoso, ter muitos clientes, carros e viver na Europa", disse Marcos*, aliciado para São Paulo em 2006, aos 16 anos - obviamente, o sonho não se concretizou (leia na página seguinte). Como outros meninos, Marcos* foi seduzido por histórias de travestis adultos que atravessaram o oceano e de vez em quando voltam ao Brasil dizendo que se

deram bem. Há caso de aliciadoras que envolvem os jovens com promessas de que na Europa, ganhando em euro, as chances de se dar bem financeiramente são muito maiores.

"Os aliciadores investem pesado na vaidade, no desejo de status e aceitação social. Como esses meninos estão vulneráveis, qualquer oferta parece uma saída. E se eles não conseguem refletir, dificilmente vão dizer não", explicou Alessandra Cordovil, coordenadora do projeto Jepiara, do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca-Ernaú). Para Alessandra, o contato entre os meninos e as redes de tráfico acontece de muitas maneiras e as relações são mais corriqueiras do que se pode imaginar. "Às vezes o

'aliciador' é um amigo, então o adolescente não o vê como um explorador, mas como alguém que quer ajudar", completa.

No caso dos meninos travestis, o tráfico internacional tem como destinos principais Espanha e Itália. E, não raro, ouvem-se relatos de garotos que supostamente "se deram bem" - por mais que, atravessando o Atlântico, o crime possua os mesmos ingredientes do tráfico interestadual, como cárcere privado, escravidão por dívida, humilhações e solidão. "Eu recebi um convite de uma cafetina para a Espanha, mas ela queria R\$ 7 mil. Como eu não tinha, deixei de ir", disse Raimundo*, de 21 anos, traficado para São Paulo aos 16 e que, atualmente, "trabalha" na rodovia BR-316.

O projeto que deu origem a esta reportagem foi vencedor da categoria temática especial do 4º Concurso Tim Lopes para Projetos de Investigação Jornalística, realizado pela ANDI e Childhood Instituto WCF Brasil, com o apoio do Unicef, da OIT, da Fesaj e do Abraji.